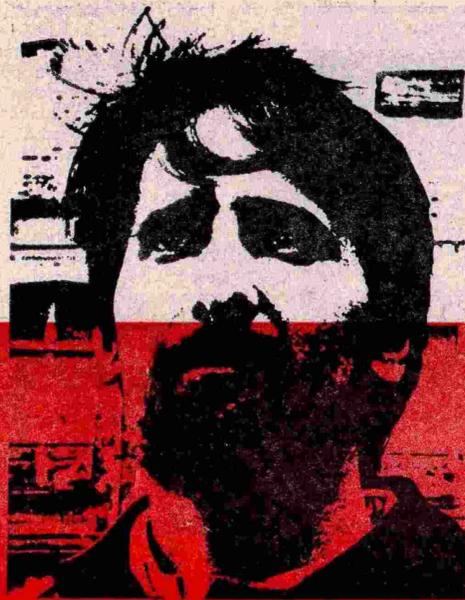
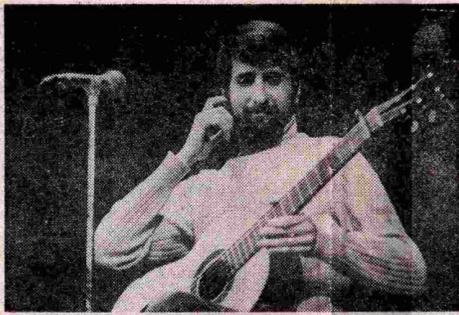
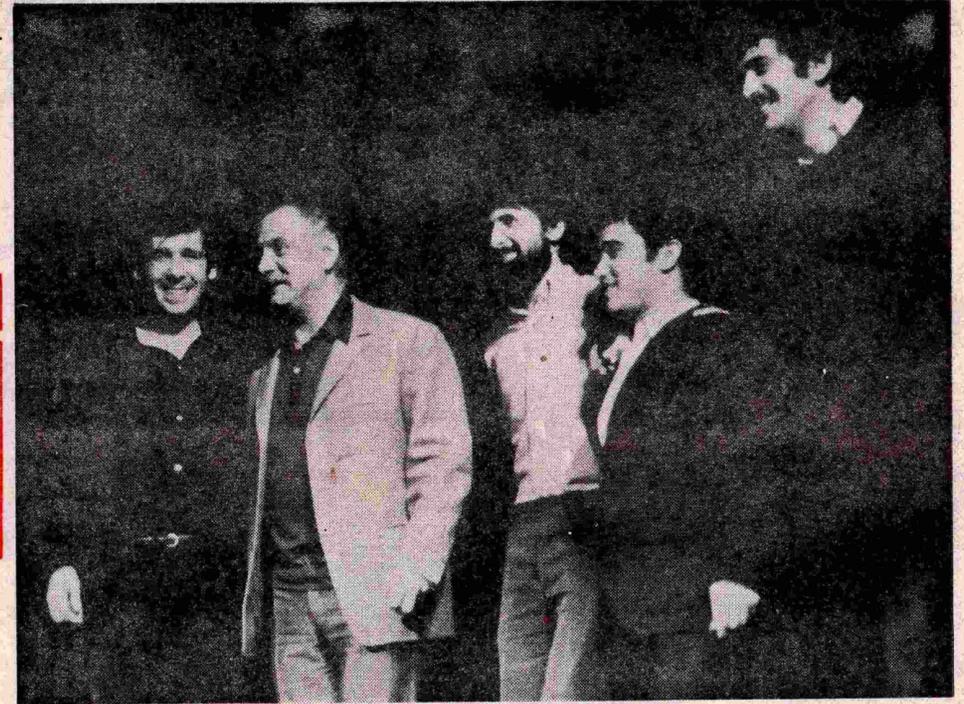
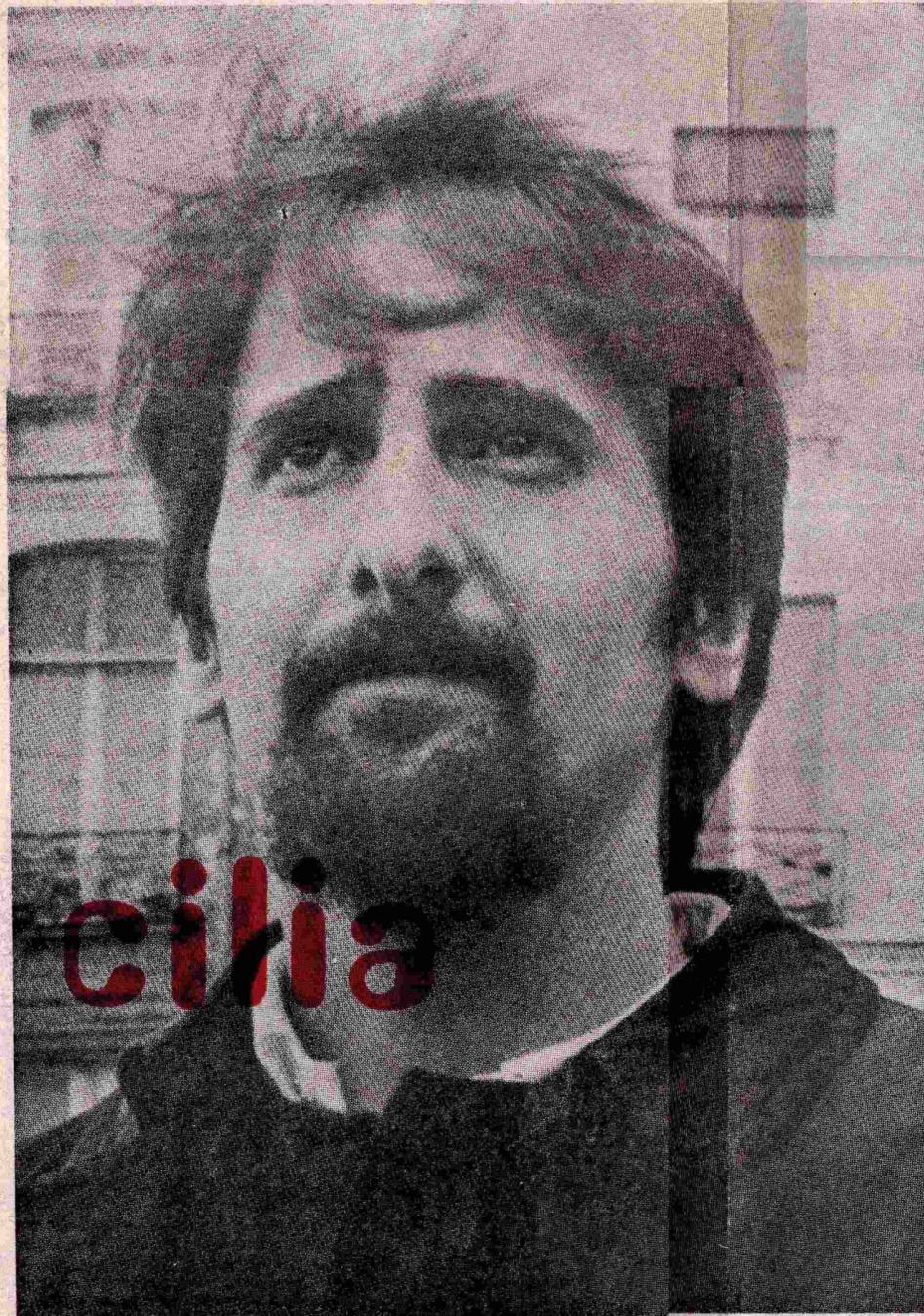


Paco Ibañez, George Brassens, Luis Cília, José Menese e Xavier Ribalta



# MÚSICA

# PORTUGUESA EM FRANÇA



# luis cília

mos habituados, leva os verdadeiros cantos da sua Pátria ao coração da Europa. Se não, analisemos alguns testemunhos insuspeitos, assinados por penas de além-fronteiras. Escrevia a revista espanhola «Triunfo», aquando da publicação do primeiro «LP» de Luis Cília:

«... É uma tentativa lírica plena de rigor e interesse, algo que não se tinha ainda levado a cabo no panorama discográfico do país vizinho, servindo na rotina e na vulgaridade. Poetas clássicos, de sem-

dro expressamente para ilustrar o disco.

«Entretanto, tenho feito bastantes recitais. Para portugueses trabalhando em França, em recitais organizados pelas associações como a Liga Portuguesa do Ensino, etc. Para franceses, sobretudo em Universidades, onde tenho actuado com o cantor espanhol Paco Ibañez. Conheci o Paco em 1965 e desde então temos trabalhado quase sempre juntos.

«Em 1966 participei no II Folk Festival, em Turim (Itália). Nos dois festivais participaram cantores de todo o Mundo.

«De 16 a 25 de Junho, realizou-se, em Paris, o Recital da Canção Ibérica, em princípio previsto até ao dia 21, mas prolongado devido ao sucesso obtido. Entre as pessoas que vieram apoiar-nos contam-se George Brassens, Catherine Sauvage e Artur London.

«Actualmente termino os estudos musicais com o compositor Michel Ping, que tem várias obras gravadas, entre as quais «Provisoires Agglomérats», pelo grupo «Percursions de Strasbourg».

São palayras simples de um grande compositor e, sobretudo, de um intérprete fora do comum que, dizendo decididamente «não» ao comercialismo no estilo a que esta-

pre, como Luis de Camões, Filinto Elisio e Almeida Garrett alinham os seus versos junto dos poetas de agora, como Orlando da Costa, João Apolinário, Afonso Duarte, A. Borges Coelho, José Gomes Ferreira, José Saramago... Luis Cília musicou estas poesias e canta-as ele mesmo, acompanhando-as à guitarra. A tarefa de Luis Cília está muito próxima, no plano da investigação poética, da que levou a cabo Paco Ibañez com poetas espanhóis de agora e de sempre. O disco «LP», excelentemente editado num álbum que contém as letras dos poemas cantados, está à venda em Espanha».

### UMA NOSTALGIA ESPANTOSAMENTE TOCANTE

Por seu turno, a Imprensa francesa não se poupou, também, nos elogios àquele acetato. Escreve René Bourdier, crítico de discos em «Les Lettres Françaises», nomeadamente: «Conheço mal a poesia portuguesa dos nossos dias, e nunca tinha ouvido falar de L. Cília, compositor e intérprete. Resolvi, por isso, fazer «abatota» e comecei por ouvi-lo nas suas adaptações de autores que me são relativamente familiares: Almeida Garrett, Luis Vaz de Camões sobretudo, esse gigante do Renascimento, de quem Luis Cília aproveitou, entre outras obras líricas, um dos célebres sonetos. A doçura do canto, a fluidez da música acompanham com a mais comovedora fidelidade o próprio canto dos poetas. Tudo é bem conseguido, como sucede com Paco Ibañez. Desprende-se dessas composições uma nostalgia espantosamente tocante, o que, aliás, também acontece com as composições dos poetas de hoje: Orlando da Costa, Gomes Ferreira, João Apolinário, José Saramago, Afonso Duarte e A. Borges Coelho. Estamos muito longe do fado e, no entanto, as melodias de Luis Cília adquiriram raízes em terra portuguesa, cantam Portugal. Pode dizer-se que elas abrem e começam a explorar o domínio da canção poé-

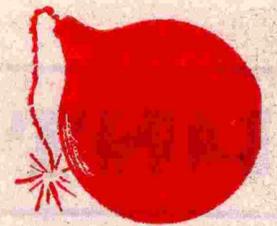
tica portuguesa. Podemos esperar muito de Luis Cília; ele nunca desiludirá».

### UM RETABULO DA CANÇÃO IBERICA

O mundo de Luis Cília — um autêntico embaixador do nosso lirismo em terras transpirenaicas — não se confina a Paris. Cantando para jovens franceses, sobretudo em Universidades, o jovem que nasceu há 27 anos em Nova Lisboa tem lugar cativo em qualquer ponto da França em que a música e a poesia se dêem as mãos. Na companhia de Paco Ibañez — um camarada e um amigo —, Luis Cília ora actua em Paris, ora em Avignon, ora em Tours, ora em Marselha. O sucesso é garantido.

Um dos momentos mais altos da carreira de Cília prolongou-se por uma semana e coincidiu precisamente com o Festival da Canção Ibérica, já aludido através das palavras do próprio Cília. O festival, que decorreu no pavilhão número 7 das Halles de Paris, reuniu quatro nomes grandes da música e do lirismo peninsular: Paco Ibañez (castelhano), Luis Cília (português), Xavier Ribalta (catalão) e José Menese (andaluz). Acerca da actuação de Cília no espectáculo, repetido durante sete noites consecutivas, vamos deixar que se pronuncie Sérgio Laguna, correspondente da publicação espanhola «Mundo Jovem» na «Cidade Luz»: «Ao catalão Ribalta — escreve Laguna — sucedia o português Luis Cília. Cília é, possivelmente, o mais preparado de quantos cantores da Península Ibérica passaram por Paris. (...) Outra das virtudes de Luis Cília é a qualidade das suas melodias, que conseguem frequentemente sobressair de uma certa monotonia que acompanha fatalmente este estilo de canções».

Muitos portugueses, repetimos, desconhecem o nome de Luis Cília. Radicado em França, ele possui, no entanto, uma voz sinceramente portuguesa. Como poucos mais.



MUITOS portugueses não conhecem o seu nome, mas ele é um dos mais altos expoentes da verdadeira música portuguesa. Chama-se Luis Cília e está radicado em Paris. As suas criações tornaram-se nos mais familiares a partir do êxito do seu segundo «long-playing», bastante difundido por alguns programas da vossa rádio: «La Poésie Portugaise de Nos Jours et de Toujours».

São de Luis Cília as palavras que se seguem, através das quais ele nos conta, a traços largos, a história da sua vida. Veio tudo dentro de um sobrescrito com carimbo de Paris: «Nasci no dia 1 de Fevereiro de 1943, em Nova Lisboa (Angola). Fui para Portugal em 1958 e frequentei o I. S. C. E. F. (Económicas).

« Vim para Paris em 1964, mas os primeiros poemas musicados datam de 1962, incentivado pelo poeta Daniel Filipe, que está na base de todo o meu trabalho futuro.

« Fiz o meu primeiro disco em 1964 (em Paris), na casa Chant du Monde. É um «LP» com poemas de Daniel Filipe, Manuel Alegre, J. Gomes Ferreira, A. Borges Coelho, etc.

« Em 1965 fiz um «EP» no C. D. S. com três poemas de M. Alegre e um de Reinaldo Ferreira («A Menina dos Olhos Tristes»).

« Em 1966 conheci Christian de Chalonge, que preparava o filme «O Salto», no qual colaborei como seu assistente intérprete e também fui o autor da música.

« Em 1967 fiz o primeiro disco da série «Les Uns par les Autres», intitulado «La Poésie Portugaise de Nos Jours et de Toujours», com poemas de Camões, José Saramago, João Apolinário, A. Borges Coelho, J. Gomes Ferreira, etc. (Este foi o único disco meu vendido em Portugal)».

### VIEIRA DA SILVA PINTOU PARA LUIS CÍLIA

«No princípio de 1968 fiz o segundo «LP» da série «Les Uns par les Autres», com poemas de José Saramago, Fernando Pessoa, Miguel Torga, Carlos de Oliveira, Guerra Junqueiro, U. Tavares Rodrigues, Fernando Morgado e Francisco Delgado — continua Luis Cília. — «A pintora Vieira da Silva fez um qua-